



TEMA: ASSENTAMENTOS HUMANOS

**PARA-FORMAL NA FRONTEIRA BRASIL-URUGUAY
controvérsias e mediações no espaço público**



Eduardo Rocha Lorena dos Santos Maia Pierre Moreira dos Santos

(a: Doutor em Arquitetura, Mestre em Educação, Arquiteto e Urbanista, UFPel, amigodudu@gmail.com; b: Arquiteta e Urbanista, UFPel, lorenamiltao@gmail.com; c: Cientista Social e Licenciado em Letras, UFPel, pierre.moreira@hotmail.com)

Resumo:

A presente pesquisa, financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPQ, é dedicada a dar voz e visibilidade a para-formalidade nas cidades da fronteira-sul que fazem a divisa/união entre Brasil e Uruguai (Santana do Livramento-Rivera, Quaraí-Artigas, Jaguarão-Rio Branco, Barra do Quaraí-Bella Unión, Chuí-Chuy e Aceguá-Acegua), a partir de cartografias urbanas e sociais, fazendo uso de recursos infográficos e sendo divulgado em tempo real por meio de website. Experimentam-se os espaços não regulados, espaços anarquistas, onde se produzem atividades que tendem a subverter as leis da economia tradicional, do urbanismo e das relações humanas, gerando mudanças importantes, tanto teóricas como práticas, na maneira de pensar e planejar a cidade. Este aspecto informal, longe de ser ocasional, constitui uma regra importante no desenvolvimento de muitas cidades na

contemporaneidade - esses são espaços "para-formais" (camelos, ambulantes, artistas de rua, moradores de rua, etc.). Portanto os lugares considerados "para-formais" nesse projeto são aqueles que se encontram no cruzamento do formal (formado) e do informal (em formação), constituídos por três pontos essenciais: a cidade em formação, o princípio de acordos, regras e projetos; a cidade em desagregação, os processos de acordos urbanos conflitivos, friccionantes ou catastróficos e; as situações urbanas onde existam fortes "indiferenças" estratégicas entre os atores. Como resultados serão produzidos mapas urbanos, ações no espaço público, entrevistas com as partes envolvidas e reuniões de mediação com as partes envolvidas nas controvérsias do espaço público de cada cidade/fronteira. As principais contribuições esperadas são: os avanços na área de cadastro e mapeamento de configurações complexas; a produção local de metodologia e tecnologia; a produção de conhecimento sobre ecologias urbanas "para-formais" e; a produção de conhecimento sobre metodologia de cartografia urbana e social.

Palavras-chave: fronteira, para-formal, desenho urbano

1. Introdução

O espaço público das cidades na contemporaneidade não está definido e limitado pelos planos urbanísticos. Em muitas ocasiões são os habitantes da cidade que decidem que espaço vai ser público e qual não vai ser; que espaço cumprirá uma função ou outra. E esses espaços não regulados, espaços anarquistas, onde se produzem atividades que tendem a subverter as leis da economia tradicional, do urbanismo e das relações humanas gerando mudanças importantes, tanto teóricas como práticas, na maneira de pensar e planejar a cidade. Este aspecto informal, longe de ser ocasional, mas sim efêmero, constitui uma regra importante no desenvolvimento de muitas cidades – esses são espaços “para-formais” [1]. Existem países onde aproximadamente 50% da economia é informal e esta gera espaços também informais que, na necessidade urgente, apresentam uma arquitetura e um urbanismo circunstancial em espaços de ecologia descontínua, sem registros, provisória. Estas encruzilhadas humanas onde a atividade e seu entorno geram espaços intermitentes e muitas vezes fugazes nas cidades contemporâneas, são as que se pretende dar visualidade nessa proposta de pesquisa (Fig.1).

Para-formal, termo criado pelo grupo argentino GPA [1], diz respeito a um conceito de fronteira, que ao contrário da oposição entre formal e informal, é o que busca experimentar a fresta ou o interstício entre categorias, que aqui também se denomina como "cenários urbanos para-formais". Diferente, portanto, das áreas do conhecimento como o Urbanismo e a Economia, que justamente categorizam seus estudos e objetos em cidade e/ou economia formal e informal. O modelo de investigação para-formal se apropria de categorias alternativas para explorar o “campo do meio”, as zonas intersticiais da cidade ordinária. Para-formal, nesse sentido, é algo artificial e provisório, algo relativo à forma, mas que ao mesmo tempo não se configura como tal. É um lugar do cruzamento entre o formal, no sentido de formado, e o informal, no sentido de “em formação”, entre o previsível e o imprevisível. Para-formal embaralha, assim, os conceitos tradicionais do formal, como o que é amparado pela legislação, e o informal, como o não protegido por leis, estabelecendo-se sobre o que habita a fresta entre eles. Nessa pesquisa, as atividades para-formais são aquelas que se encontram no limite entre o formal, tomado como formado, pronto, constituído, e o informal, no sentido de “em formação”, “em construção”. Tratam-se de atividades comerciais, culturais, relacionadas a moradia, entre

outras, encontradas no espaço público da cidade, que não fazem parte de sua configuração primeira, mas que na contemporaneidade passam a fazer parte de seu cotidiano. São cenas urbanas, passíveis de serem individualizadas por imagens fotográficas e anotações. O para-formal no cotidiano das cidades gera controvérsias, disputas, opiniões diversas e debates. Pressupõe relações cidade-corpo e corpo-cidade que, às vezes, são veladas e dóceis, outras reveladas e desobedientes.



Fig. 1: Cenas para-formais nas cidades gêmeas de fronteira Brasil-Uruguay. Fonte: autores, 2016.

A região de fronteira [2] entre Brasil (região sul do Rio Grande do Sul, ver Fig.2) e Uruguai vem sofrendo diretamente com esses movimentos e fluxos próprios da contemporaneidade. Observa-se que as problemáticas são nítidas na fronteira embora os problemas emergentes não sejam propriamente regionais.

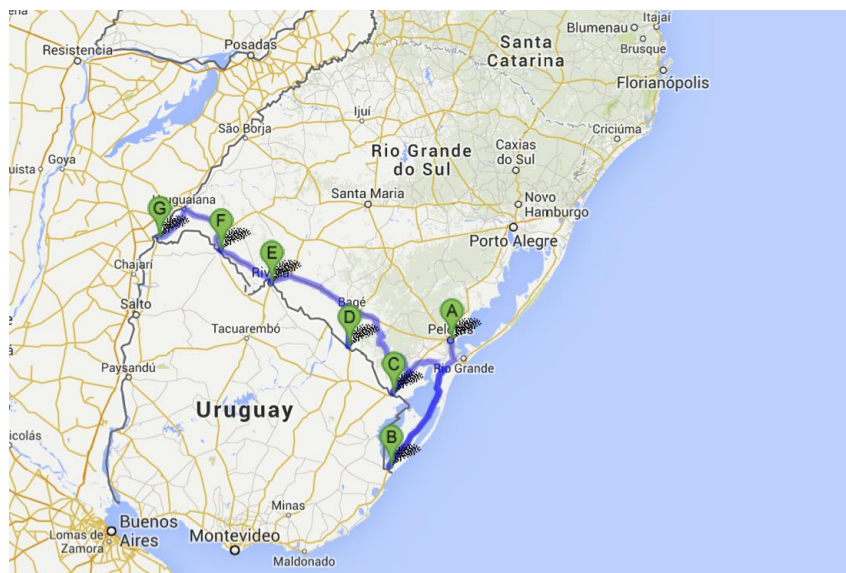


Fig. 2: Website (paraformalnafronteira.com). Fonte: projeto Para-formal na Fronteira, 2016. A: Pelotas; B: Chuí/Chuy; C: Jaguarão/Rio Branco; D: Aceguá/Aceguá; E: Santana do Livramento-Rivera; F: Quaraí-Artigas, E: Barra do Quaraí-Bella Union. Fonte: Google Maps, 2014.

A fronteira Brasil - Uruguai do sul do estado do Rio Grande do Sul se estende por 985 km

desde a tríplice fronteira Brasil-Argentina-Uruguai a oeste até a foz do Arroio Chuí, ponto extremo Sul do Brasil;

No trecho oeste a fronteira é marcada pelo Rio Quaraí, afluente do Rio Uruguai e pelas 'Coxilhas de Santana'. No trecho mais a leste pelo Rio Jaguarão que deságua na Lagoa Mirim e pela porção sul dessa lagoa até o Chuí. Na fronteira Brasil-Uruguai localizam-se as seguintes cidades:

- Chuí-Chuy: população juntas de 16.320 habitantes, separadas apenas por uma avenida comum a ambas as cidades. Essa avenida tem o nome de Av. Brasil no lado uruguaio e Av. Uruguai no lado brasileiro.
- Jaguarão-Rio Branco: população juntas de 41.398 habitantes, ligada a Rio Branco (Uruguai) pela Ponte Internacional Mauá (340m) sobre o Rio Jaguarão.
- Aceguá-Acegua: população juntas de 5.887 habitantes, menores cidades da fronteira em ambos os lados.
- Santana do Livramento-Rivera: população juntas de 146.939 habitantes, maiores cidades da fronteira em ambos os lados, ligada a Rivera (Uruguai) também separada apenas por uma via comum, a Av. 33 Orientales, no lado uruguaio, e Av. João Pessoa, no lado brasileiro, como se fosse uma só avenida, e também pela comum Av. Paul Harris, que tem esse nome nos dois lados, na chamada "Fronteira da Paz" ou "La Mas Hermana de Todas Las Fronteras del Mundo".
- Barra do Quaraí-Bella Union: população juntas de 17.208 habitantes, ligadas por uma ponte internacional sobre o rio Quaraí.
- Quaraí-Artigas: população juntas de 67.021 habitantes, ligadas pela Ponte Internacional da Concórdia (750m) sobre o Rio Quaraí.

Emerge daí o primeiro bloco de problemáticas a ser enfrentado: Que coisas unem e separam essa cidade formal da cidade informal nas cidades da fronteira Brasil-Uruguai? Como se produz a integração de coletivos heterogêneos num mesmo ambiente com seus limites? Que implicações éticas e técnicas têm estas ecologias que denominamos aqui de "para-formais"? Como metodologizar a cartografia urbana [3] para os casos de registro dessas ecologias "para-formais"?

1.1 Experimentos coletivos

É difícil discernir se esses são problemas políticos, econômicos, científicos ou técnicos. É possível descrevê-los através do que Bruno Latour chama "experimentos coletivos" [4]. Vários aspectos deste modelo podem servir para guiar-nos pelo labirinto urbano-natural. Em que estamos envolvidos. Não há uma ciência, nem uma planificação incontestável que unifique ou acalme a multiplicidade das posições políticas em jogo. Inclusive, a política mesma já não é o que era. Participamos em experimentos onde "o laboratório tem estendido seus muros até abarcar todo o planeta. Os instrumentos estão em todas as partes. As casas, as fábricas, os hospitais tem se convertido em subsidiários dos laboratórios".

Por outro lado está a questão da escala, pois estes "experimentos atuais se desenvolvem na escala um por um e em tempo real", como vimos no caso da gripe A, por exemplo, onde se processaram grandes planos de vacinação em massa, porém conhecendo-se somente os possíveis efeitos das medicações e de suas consequências na ecologia viral existente. Por isso se pergunta Latour [4], "qual é a diferença destes experimentos com o que se costumava chamar de situação política; ou seja, aquilo que a todos interessa e afecta?". E responde: "nenhuma".

Isto, claro, não significa que tudo é política, mas que a política tem outras formas, e uma delas é tratar de construir coletivamente marcos de referência comuns em situações emaranhadas e imprevisíveis, pois "estes experimentos, desenvolvidos sobre nós, por

nós e para nós não se submetem a nenhum protocolo. Nada é recebido explicitamente na reponsabilidade de seguir em curso"[4]. Não é difícil catalogar o crescimento demográfico e a proliferação urbana como "experimentos coletivos", onde o resultado da combinação de higienismo, medicina, engenharia, leis, regulações, etc. superam amplamente as previsões de cada "disciplina" em separado. Estes "eventos experimentais" fazem com que nossas categorias de "natureza" e "técnica" tornem-se mais relativas, que a diferença entre uma natureza externa as paixões humanas e uma técnica, que é do âmbito do artifício e da vontade, torne-se menos acentuada, menos previsível, mais ambígua. Para nossas ferramentas de desenho do urbano - construção, composição, planificação, normatização - isto tem consequências espetaculares; já não se trata somente de fazer a cidade.

A dinâmica "ambiental" que produz o urbano está amplamente disseminada espacialmente e não é fácil localizá-la. Parece não ser suficiente conhecer as determinações territoriais das cidades. Ao mesmo tempo, esta dinâmica é apenas parcialmente previsível; quanto maior a velocidade do desenvolvimento urbano, menor a possibilidade de cálculo sobre seus efeitos. Mike Davis[5] descreve esta dinâmica como uma "ecologia complexa" ao narrar um caso da África ocidental:

Como sua urbanização atropelada ocorre enquanto as fábricas de pescado europeias se apropriam de toda a proteína proveniente do mar, isto tem obrigado à população urbana a regressar a obtenção de carne selvagem (um negócio certamente em ascensão que acaba por impulsionar a proliferação de construções de madeira procedente dos bosques tropicais da África ocidental), o qual predispõe mais facilmente a população a contrair HIV, ebola e outras pragas desconhecidas. Uma descrição de certos vínculos que passam por causas que muitas vezes despercebidas, e da complexa ecologia urbana (o impacto meio ambiental) que tem em si mesmo a urbanização.

A proliferação do urbano torna-se ainda mais clara a luz do enfoque ecológico, onde as condições naturais, técnicas e sociais são muito diferentes do que pretendia o movimento modernista, para o desenvolvimento das cidades, que se encontram totalmente mescladas. É por isso que talvez seja pertinente ter como objeto de exploração, não somente a cidade e suas políticas, mas também um grupo diverso de "ecologias urbanas" ou ecologias políticas.

Transformações graduais

Estes experimentos são constituídos em sua maior parte por muitas pequenas ações do dia-a-dia, pequenas reproduções, alterações e transformações do ambiente, e esta pode ser uma das causas do porque vemos aparecer nos resultados, porém não no processo. Estas pequenas ações vão fazendo emergir, pouco a pouco, passo a passo, "realidades" que não podem ser chamadas de fantásticas, incalculáveis, estranhas, únicas, porém conectadas. É por isso que esta pesquisa, chamado "para-formal na fronteira Brasil-Uruguay", pretende focar naqueles lugares incertos na cidade, lugares quentes que poderíamos chamar de "experimentais" ou "experenciais", e em cartografar pequenas narrações que vão enredando-se umas com as outras através de alguns nós que podemos chamar de "assuntos comuns" e/ou "controvérsias". Temos que ter em conta que essas conformações graduais dos experimentos e situações urbanas convivem com momentos intensos e curtos de transformação. Ao mesmo tempo o enfoque desse projeto está colocado na gradualidade, do que chamamos "ecologias urbanas", está determinado tanto pelas continuidades, as zonas cinzentas e as institucionalizações, digamos as formações em geral, como por exemplo as descontinuidades; ou seja, as catástrofes.

Produção do conhecimento formal e informal A produção do conhecimento não é alienígena, ou seja, as tentativas de controle e disciplina da expansão urbana. De mãos dadas com as políticas neoliberais áreas do conhecimento como a economia e o urbanismo tem consolidado o uso das categorias de "cidade formal e informal", da

"economia formal e informal". Estes pares de opostos têm ocupado os meios de comunicação e forjado ou fingido um debate sobre "o que é" e "o que não é" a cidade e a urbanidade, polaridade conceitual que parecia constituir um dentro e um fora completamente definidos e um congelamento das complexas relações urbano-ecológicas. Partindo desses estereótipos a pesquisa pretende experimentar categorias alternativas para explorar o campo do meio, da zona cinza, gradual e complexa, e na cremos se desenvolve a verdadeira máquina da cidade. Neste sentido estamos usando o neologismo para-formal (na fronteira), artificial e provisório, algo relativo a forma porém não é ela mesma, evitando tomar o formal e o informal como adjetivos fixos. Pretendemos tentar introduzir alternativas locais e específicas, tornando mais "reais" os processos de "formação, transformação, deformação, in-formação".

1.2 Um modelo de exploração

Para esta investigação iremos trabalhar com o seguinte modelo abstrato: o formal e o informal são apenas polos de idealização de uma atividade/acontecimento menos delimitável, de uma ação mista e heterogênea, que chamamos aqui de para-formal[1]. O para-formal é um lugar do cruzamento entre o formal (formado) e o informal (em formação). O para-formal é um lugar de cruzamento entre o previsível e o imprevisível. O para-formal é:

A- A cidade em formação, o princípio de acordos, regras e projetos.

B- A cidade em desagregação, os processos urbanos conflitivos, friccionantes ou catastróficos.

C- As situações urbanas onde existam fortes "indiferenças estratégicas" entre os atores. O debate estereotipado entre o formal e o informal está constituído por:

- o formal: a cidade regrada, urbanizada e inscrita em numerosos sistemas legais, sistemas estáveis e previsíveis. Em última análise, a cidade formal é uma cidade imersa em uma densa trama de sistemas de inscrição.

- o informal: a cidade precária, cidade sem controle do Estado, cidade ilegal, cidade não cadastrada nem planificada. Sistemas instáveis e imprevisíveis. Informal é também é o complemento excedente do formal [1].

Ambas as categorias são para a investigação figuras retóricas que se usam para a mobilização política dos atores. Sem dúvida, ambas tem tradições arquitetônicas e urbanísticas que podem ser de utilidade, porém que devem ser introduzidos em um sistema de referencia mutante e sempre relativo.

Podemos acrescentar que o modelo para-formal nos permite adentrar nas "ecologias urbanas", ser o para-formal é estar num estado intermediário entre os sistemas estabilizados e os sistemas instáveis, entre as situações superficiais (entendendo estas como situações que não estão ainda fixadas e por outro lado "flutuam" entre várias determinações sem resultado previsível). Isto poderá permitir-nos cartografar complexos de relações em estados de equilíbrio instável ou desequilíbrio semi-previsível [6].

Poderíamos dizer que as situações informais e instáveis são expressões visíveis dos processos de inovação, de adaptação a situações novas e mutantes, enquanto que os sistemas formais são conjuntos de atores duramente estabilizados por uma diversidade de procedimentos de interconexão e regulação de suas relações. Como se relacionam? Onde se transformam um no outro?

A hipótese da "ecologia urbana" concentra-se na articulação entre o complexo o heterogêneo e o já diferenciado e "organizado". Esta "articulação" pode ser vista como o meio determinante da dinâmica urbana, e é uma descrição do urbano conectado com a ideia de ambiente[7].

O modelo de uma "ecologia urbana" pode ser uma nova forma de aproximar-se a situações como o crescimento demográfico, a urbanização progressiva ou o aquecimento global. As hipóteses de uma ecologia urbana, então, fazem mais

indiscerníveis o ambiente e o urbano, agora mesclados, complexos e complicados. Complexos, porque em suas dinâmicas, suas partes não podem ser substituídas livremente por outras, não são substituíveis nem intercambiáveis. Complicados, no entanto seus atores estão completamente imbricados uns nos outros - uma metápolis.

1.3 Tipos de territórios a cartografar

O alcance desta cartografia inclui: assentamentos e lotes informais (favelas, ocupações de terras e fábricas, também toda a infraestrutura para-formal como os mercados ilegais). Porém também situações mescladas[8] como zonas de venda ambulante (camelos) ou certos caminhos regulares ou permanentes, por ruas ou rotas conhecidas. Também terras públicas de confuso status legal, usadas por corporações, companhias ou outras poderosas organizações, o que poderia chamar-se para-formalidade formal ou para-formalidade legal.

1.4 Cada ponto uma controvérsia

A proposta é confeccionar mapas em que cada ponto seja o resultado de uma multiplicidade de situações e este habitado por uma diversidade de atores. A ideia é que o processo de cartografia vá se desenvolvendo (interativamente por plataformas infográficas) da mesma forma que os territórios polêmicos que tentamos representar e descrever[9]. Para tanto a cartografia que propomos é do tipo aberta, onde haverá de explicar os diferentes pontos de vista e posições de maneira que sejam representados no mapa.

2. Objetivos e metodologia

2.1 Objetivos

O objetivo geral da proposta é **compreender** e **sistematizar** as para-formalidades, encontradas nas cidades da fronteira Brasil-Uruguai, utilizando como metodologia para a coleta e análise de dados: a “cartografia urbana”; com a intenção de dar visualidade aos fenômenos urbanos próprios da contemporaneidade.

Como objetivos específicos:

- a) **Analisar** diferentes propostas de aproximação com a cidade e suas para-formalidades e estabelecer variáveis que permitam ilustrar de maneira clara o espaço e o tempo como sentido básico de orientações, através de elementos de leitura de planos e cartografias.
- b) **Confeccionar** plataformas interativas (infográficas e *website*) que suportem as variáveis e mapas produzidos pelas errâncias urbanas[10] realizadas nas cidades fronteiriças.
- c) **Perceber** a caminhabilidade pelos espaços públicos como um dos aspectos fundamentais para a sustentabilidade urbana – trajetos; propomos a experiência corporal na cidade a partir de eventos que estimulem a errância urbana – derivas [11].
- d) **Conhecer** por meio da relação direta com as para-formalidades na fronteira, seu potencial cultural e pedagógico, entendendo mesmo que a cidade como poder ser: ensina; além de promover a integração entre centros de pesquisa que estudem a cidade e a contemporaneidade.
- e) **Publicar** um livro sobre o processo metodológico de pesquisa sobre o para-formal na fronteira Brasil-Uruguai.

2.2 Metodologia

A metodologia dessa pesquisa tem como ponto de partida os estudos sobre o caminhar no centro das cidades. O caminhar do errante, aquele que sai sem rumo, não tem um ponto de partida e nem de chegada fixos. Caminha perdido por dentro um território urbano conhecido e ignorado ao mesmo tempo.

Ao caminhar esse corpo (usuário, turista, planejador, etc.) cria mapas, deixa marcas e rastros – cartografias urbanas – que podem nos auxiliar a compor um novo universo sobre a cidade na contemporaneidade[12].

Os procedimentos metodológicos – qualitativos – adotados para o trabalho dividem-se em três planos: teórico, prático e projetual, assim como os processos, estão previstos para acontecer também em três níveis: introdução, desenvolvimento e conclusão, as quais correspondem aos objetivos específicos do projeto.

Os procedimentos metodológicos dividem-se na prática nas seguintes etapas:

a) Viagem de estudos para a fronteira Brasil-Uruguay: O percurso pelas cidades gêmeas ocorreu entre os dias 14 e 19 de março de 2016, tendo como participantes 22 (vinte e dois) viajantes-nômades-pesquisadores (estudantes, professores e profissionais) de diversas áreas do conhecimento (arquitetura, urbanismo, artes visuais, engenharia, nutrição, geologia, sociologia, letras, música e história) percorrendo e documentando o território em seis dias consecutivos como estrangeiros e errantes, em uma (i)lógica contínua. A partir dessa atividade de contato direto com um ambiente exterior ao acadêmico e seus protagonistas, seguiu-se ao encontro das cenas para-formais possíveis e pelos corpos-caminhantes, produzindo-se através dos percursos não programados, cadernos de campo e registros fotográficos (Fig.3).



Fig. 3: Grupo em viagem pelas cidade de fronteira Brasil-Uruguay. Fonte: autores, 2016.

b) Sistematização e do material produzido na viagem:

Foram produzidos materiais (escritos e imagéticos) durante a viagem referente as diversas temáticas relacionadas durante a busca aos recortes para-formais. Até o momento estão sendo sistematizadas as imagens e escaneados os cadernos de campo, que serão disponibilizados em *website*.

c) Desenvolvimento de acervo fotográfico para exposição:

A partir dos registros fotográficos realizados, selecionou-se e organizou-se em arquivo digital as imagens de potencial característico das atividades para-formais, que em seguida serão classificadas quanto ao seu tipo, porte, mobilidade e instalações, tendo como objetivo a disponibilidade à comunidade em geral através de futura exposição itinerante. Analisam-se também as cenas para-formais quanto as relações dos corpos com os equipamentos e a influência de elementos urbano/climáticos que poderiam modificar ou ainda possibilitar as atividades, como o clima, a estação do ano, calçadas, marquises, etc.

d) Criação, publicação e interação em website:

Foi criado um website (<http://paraformalnafronteira.com>) no período de preparação da viagem, com a intenção de publicar todo o processo do projeto, com as seguintes informações principais: gêneses, para-formal?, o projeto, notícias, roteiro, viajantes, viagem e contato (Fig. 4).



Fig. 4: Website (paraformalnafronteira.com). Fonte: projeto Para-formal na Fronteira, 2016.

e) Comunicação com as prefeituras das cidades de fronteira:

Visando levantamento de dados geográficos e estatísticos que ajudem na compreensão das realidades das cidades fronteiriças, realizou-se contato com alguns dos órgãos administradores públicos uruguaios por meio virtual.

f) Organização e divulgação de seminário sobre a fronteira:

O seminário (<http://5eiccmu.wixsite.com/fronteiras>) aconteceu entre os dias 20 e 21 de outubro de 2016, na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFPel e, contou com a presença de convidados nacionais e internacionais, especialistas na temática da fronteira.

g) Reuniões de avaliação das ações:

Realização de reuniões de avaliação mensais e periódicas para discutir as ações tomadas até o momento e as propostas.

h) Produção de escrita:

Paralelamente estão sendo produzidos relatórios e artigos científicos, além de estar projetada uma futura publicação de livro sobre a temática das cidades da fronteira Brasil-Uruguay.

3. Resultados e Discussão

Foram feitos alguns cruzamentos das informações obtidas das cidades gêmeas da fronteira Brasil-Uruguay pesquisadas, até este momento, destacando-se os tipos de atividades e equipamentos mais ou menos utilizados, relacionando-os com o espaço urbano (figuras 5). Também investigou-se a natureza dos corpos para-formais, buscando-se compreender quais as diferenças de um lugar para outro. Entretanto, as principais análises focaram o espaço público onde as atividades para-formais encontravam-se, relacionando-o com a prática do urbanismo e do planejamento urbano.

Os resultados são retirados, então, a partir de três frentes, o espaço público, o equipamento e o corpo:

3.1 Espaço público para-formal

Encontramos para-formalidades nos seguintes espaços: calçadas, marquises, esquinas, abandonos, vazios, entre outros. Acoplamentos aos equipamentos urbanos (banco, poste, lixeiras, etc.) que podem ser referência para os lugares das para-formalidades.

Muitos buscam a sombra em lugares onde o clima é quente ou o sol para esquentar nos dias de frio. O movimento do sol e das sombras delimita certo lugar utilizável pelos “para-formais” no espaço público. Encontramos muitos trailers (equipamentos grandes e fixos) desde a praça até em canteiros centrais de avenidas, ruas de menos trânsito e juntamente com outros aglomerados “para-formais”.

Coexistem na categoria para-formal no formal, onde as atividades “para-formais” ocorrem anexos às atividades formais (lojas, restaurantes, ferragens, etc.). O formal avança sobre o espaço público indiscriminadamente, acomodando-se nas calçadas, fachadas e até mesmo em vagas de estacionamento e caixas de rolamento. Uma espécie de extensão das vitrines.

Concluiu-se, então, que o uso das calçadas pode “poluir a visual” das ruas, porém, em muitas das cidades, este hábito é aceito pela população que inclusive “interage” com os produtos, podendo ver e tocar na mercadoria sem precisar entrar no estabelecimento. Outro destaque é que alguns desses estabelecimentos, em frente às suas instalações, oferecem serviços e equipamentos públicos aos moradores da cidade, como: bancos para descansar, lixeiras, paraciclos, sombra, etc. Observa-se que essa invasão do espaço público quando indiscriminada nos passeios públicos pode obstruí-los e torná-los obstáculos para os pedestres. Nota-se também, sobre os espaços ocupados pelos equipamentos grandes, como os trailers, que esses necessitam de estudos a respeito de onde serão alocados no espaço público: é papel do arquiteto e urbanista planejar os espaços para-formais.

Outro tipo de para-formalidade que necessita de estudo e planejamento são os grandes conjuntos para-formais, que determinam e afetam, às vezes, grandes zonas da cidade, um território maior que o ocupado fisicamente pelo mesmo. Essas zonas devem ser alvo de estudos pormenorizados, porque tais zonas/territórios podem acabar tomando uma proporção de abrangência e desregularização indesejada para um bom funcionamento da cidade (existem casos em que essa desregulação acaba tomando conta de todo um bairro ou até mesmo de toda uma cidade).

3.2 Equipamento para-formal

Os equipamentos foram divididos em três categorias quanto: ao tamanho, mobilidade e instalações. Encontrou-se muitas para-formalidades pequenas e móveis e outras muitas grandes e fixas (como os trailers, que possuem, em sua maioria, instalações hidráulicas e elétricas, Fig.5).

A cidade de Santana do Livramento/Rivera, por exemplo, possuía muitos equipamentos pequenos móveis, como carrinhos de venda de sucos. Já em Jaguarão/Rio Branco, observou-se uma grande quantidade de trailers, que deveriam ser móveis mas, hoje, na maioria das vezes, encontram-se fixos nos locais que escolheram para permanecer, seja porque estão concretados ou fixos no solo, ou porque até mesmo podem possuir alguma estrutura ao seu redor. A maioria dos moradores de Jaguarão/Rio Branco concluiu que gosta dos trailers, porque eles trazem segurança à noite e são uma opção de alimentação barata, fazendo parte do cotidiano dos lugares, já usuários contrários aos trailers alegam que eles atrapalham o visual da arquitetura do local – “são feios”.



Fig. 5: Equipamentos para-formais. Fonte: autores, 2016.

Concluiu-se que os equipamentos grandes e fixos, “arquitetonicamente” não apresentam boas soluções, são na sua maioria adaptados e locados em pontos muitas vezes estratégicos para a percepção da imagem da cidade, muitos deles ocupando “grandes” áreas públicas. Além disso, muitos dos trailers capturados nas errâncias estavam em situação precária de conservação e higiene.

Já as cenas/atividades ambulantes e móveis, animam o espaço público da cidade, fazendo com que a cada momento nos deparemos com novidades, sensações, sons e paisagens diferentes. Os ambulantes e móveis trazem soluções criativas para o centro da cidade, inventam novos usos e para isso não poupam estratégias de sobrevivência e vivência. Conseguem criar uma rede de dependência para seus usos e atividades – “é impossível viver sem eles”.

3.3 Corpo para-formal

O corpo para-formal geralmente está presente nas atividades que observamos e muitas vezes ele é a própria para-formalidade, é o protagonista. Podem estar sentados, em pé ou caminhando. Em grupos ou solitários (Fig.6).

O corpo para-formal é aquele que tenta vender seu produto sem “ponto comercial fixo”, sem um local determinado no mapa da cidade, a cada dia ou hora podem se deslocar, seja a procura de sombra ou de possíveis novos clientes, mas estão sempre por perto de aparatos, sejam públicos ou que eles próprios carregam.

Observou-se também que os corpos que acompanhavam os equipamentos médios e móveis geralmente se encontravam sentados ou em pé, ao lado do equipamento. Já nos trailers por exemplo, os corpos estavam dentro do próprio equipamento, podendo movimentar-se com certa facilidade.



Fig. 6: Corpo para-formal. Fonte: autores, 2016.

4. Considerações Finais

Notou-se, também, que as cenas para-formais não chegam a serem obstáculos, mas por outro lado pontos de referência – coisas interessantes[13] – e que chegam a servir como parada e descanso ao pedestre (apoio corporal).

A partir das análises e cruzamentos de mapas, foi possível chegar a alguns resultados, como:

- 1) O para-formal é carregado de costumes e identidade/diferença cultural local, possibilitando traçar novos sentidos sobre a fronteira Brasil-Uruguay;
- 2) O para-formal nos ensina novas soluções para a cidade na contemporaneidade, assim como anima, ensina, vive e experimenta a cidade;
- 3) O desenho urbano existente (legal) acomoda-se às cenas para-formais e vice versa;
- 4) Ao mesmo tempo, o para-formal também em várias cenas polui, atrapalha e violenta a cidade e o cidadão e;
- 5) O para-formal denuncia a ausência de equipamentos urbanos e;
- 6) Os sujeitos do para-formal são verdadeiros atores da cidade, fazem eles mesmos o espaço da polis, lugar de política, de luta pelos direitos que ultrapassam o limite do estabelecido pelos órgãos que controlam a cidade.

Com base nos estudos, análises, oficinas e intervenções pode-se afirmar, ao final da pesquisa, que coexiste uma cidade para-formal, uma cidade paralela à cidade formal. Mesmo ainda com um vasto acervo do material coletado ainda em fase de organização,

encontrou-se um espaço de indiscernibilidade, uma zona esfumada, onde podemos abandonar ou encontrar tudo aquilo que ali mesmo havíamos perdido. A cidade ora limita, ora liberta os corpos e as ideias, o tipo de movimentação experimentada no corpo dos usuários é modificado conforme a cidade modifica-se. O “para-formal” realiza agenciamentos entre os diversos usuários da cidade, e seu cotidiano arquiteta sua própria cidade, interferindo diretamente na dinâmica da vida urbana e trazendo novas formas de pensar a cidade (Fig.5).

Caminhando nas brechas, margens e desvios do espetáculo urbano que surge outra cidade, intensa, viva. O “Outro urbano” é aquele que escapa, resiste, vive e sobrevive no cotidiano dessa outra urbanidade, através de táticas de resistência e apropriação do espaço urbano, de forma anônima (ou não) e dissensual, radical.

Esse “Outro urbano” se explicita através da figura do morador de rua, ambulante, camelô, catador, prostituta, artistas, entre outros. São estes que a maioria aponta por manter na invisibilidade, opacidade, sendo “alvos” da regulação, ou nas palavras de Paola Jacques[14], “asepsia” dos projetos e intervenções urbanos. Portanto, compreende-se a importância das errâncias urbanas como forma de construção da cidade, abrindo espaço para discussões e pensamentos a respeito do lugar do ser humano.

Referências Bibliográficas

- [1] Gris Público Americano. “Para-formal: ecologias urbanas”, Buenos Aires: Bismar Ediciones/CCEBA Apuntes, 2010.
- [2] Enquanto o limite é a linha que separa o território de dois Estados, a fronteira é a região ao redor do limite (MELLO, 1986, p. 721). Em sua acepção original, a fronteira (etim. lat. frons, frontis: o que está na frente) era simplesmente a área instável de transição entre dois poderes políticos, mas sem a presença do poder. Somente no século XVI, com os avanços da cartografia e o surgimento do Estado burguês, desenvolveu-se a teoria jurídica do território, para atender às novas necessidades de organização do espaço econômico.
- [3] As Cartografias Urbanas têm origem e se referem às seguintes “linhas de pensamento: a filosofia da diferença e o pós-estruturalismo, em especial proposto por Gilles Deleuze, Félix Guattari, Michel Foucault, Jacques Derrida e Michel de Certeau; as análises situacionistas propostas por Guy Debord e os Situacionistas; a análise polemológica das práticas proposta por Michel de Certeau; os processos levados a cabo por artistas visuais, imersos no chamado *giro etnográfico* das artes e diversos campos das artes visuais, a etnografia e os estudos culturais; e nas ferramentas visuais a partir da fotografia e das imagens filmicas”. In: Rocha, Eduardo. “Cartografias Urbanas”, Revista Projectare, n.2, p.162-172, 2008.
- [4] Latour, Bruno. “Políticas da natureza”, Bauru: UDUSC, 2004.
- [5] Davis, Mike. “Planeta favela”, São Paulo: Boitempo, 2006.
- [6] Gausa, Manoel (org.). “Diccionario Metápolis de Arquitectura Avanzada: ciudad y tecnología en la sociedad de la información”, Barcelona: Actar, 2000.
- [7] Ascher, François. “Os novos princípios do urbanismo”, São Paulo: Romano Guerra, 2010.
- [8] Kastrup, Virginia; Passos, E. & Escóssia, L. d. “Pistas do método da cartografia: pesquisa intervenção e produção de subjetividade”, Porto Alegre: Sulina, 2009.
- [9] Monteiro, Antonio Miguel Vieira; ALMEIDA, Cláudia Maria de; Câmara, Gilberto (orgs.). “Geoinformação em Urbanismo: cidade Real X cidade Virtual”, São Paulo: São Paulo: Oficina de Textos, 2010.

- [10] Errância urbana é um tipo específico de apropriação do espaço público, que não foi pensado nem planejado pelos urbanistas ou outros especialistas do espaço urbano. Segundo Paola Jacques: “Errar, ou seja, a prática da errância, pode ser um instrumento da experiência urbana, uma ferramenta subjetiva e singular, ou seja, o contrário de um método¹¹ ou de um diagnóstico tradicional. A errância urbana é uma apologia da experiência da cidade, que pode ser praticada por qualquer um, mas que o errante pratica de forma voluntária. O errante é então aquele que busca o estado de espírito (ou melhor, de corpo) errante, que experimenta a cidade através das errâncias, que se preocupa mais com as práticas, ações e percursos, do que com as representações, planificações ou projeções”(p.6). In: Jacques, Paola Berenstein & Jeudy, Henri Pierre. “Corpos e Cenários Urbanos: territórios urbanos e políticas culturais”, Salvador: EDUFBA, 2006.
- [11] A Teoria da Deriva tem como um de seus principais representantes o pensador situacionista Guy Deboard. A Deriva é um estudo psicogeográfico, que tem por princípio emocionais das pessoas. Partindo de um lugar qualquer, e comum, à pessoa ou grupo que se lança à deriva deve rumar deixando que o meio urbano crie seus próprios caminhos. É sempre interessante construir um mapa do percurso traçado, esse mapa deve acompanhar anotações que irão indicar quais as motivações que construiu determinado traçado. É pensar, por que motivo dobramos à direita e não seguimos retos, por que paramos em tal praça e não em outra, quais as condições que nos levaram a descansar na margem esquerda e não na direita. Em fim, pensar que determinadas zonas psíquicas nos conduzem e nos trazem sentimentos agradáveis um fim único, transformar o urbanismo, a arquitetura e a cidade. Construir um espaço onde todos serão agentes construtores e a cidade será um total. In: Jacques, Paola Berenstein [org.]. “Apologia da Deriva: escritos situacionistas sobre a cidade/internacional situacionista”, Salvador: EDUFBA, 2006.
- [12] Deleuze, Gilles e Guattari, Felix. “Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia”, São Paulo: Editora 34, 1995.
- [13] Ghel, Jan; Svarre, Birgitte. “How to study public space”, Londres: Island Press, 2013.
- [14] Jacques, P. B. [org.]. “Elogio aos Errantes”, Salvador: EDUFBA, 2012.